Poesias

Passos, A. A. Soares de (Antonio Augusto Soares)



MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

Poesias

Passos, A. A. Soares de (Antonio Augusto Soares)

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Rita Farinha and the Online Distributed Proofreading Team at http://www.pgdp.net (This file was produced from images generously made available by National Library of Portugal (Biblioteca Nacional de Portugal).)

POESIAS

POESIAS

POR

A. A. SOARES DE PASSOS

QUINTA EDIÇÃO

PORTO

EM CASA DE CRUZ COUTINHO--EDITOR Caldeireiros, 18 e 20

1870

TYPOGRAPHIA DO JORNAL DO PORTO Rua Ferreira Borges, 31

A CAMÕES

Ai do que a sorte assignalou no berço
Inspirado cantor, rei da harmonia!
Ai do que Deus ás gerações envia

Dizendo: vae, padece, é teu fadario,
Como um astro brilhante o mundo o admira,
Mas não vê que essa chamma abrazadora
Que o cerca d'esplendor, tambem devora
Seu peito solitario.

Pairar nos céos em alteroso adejo,
Buscando amor, e vida, e luz, e glorias,
E vêr passar quaes sombras illusorias
Essas imagens de fulgor divino:
Taes são vossos destinos, ó poetas,
Almas de fogo que um vil mundo encerra;
Tal foi, grande Camões, tal foi na terra
Teu misero destino.

A cruz levaste desde o berço á campa:
Esgotaste a amargura até ás fezes:
Parece que a fortuna em seus revezes
Te mediu pelo genio a desventura.
Combateste com ella como o cedro
Que provoca o rancor da tempestade,
Mas cuja inabalavel magestade
Lhe resiste segura.

Foste grande na dôr como na lyra!
Quem soube mais soffrer, quem soffreu tanto?
Um anjo viste de celeste encanto,
E aos pés cahiste da visão querida...
Engano! foi um astro passageiro,
Foi uma flôr de perfumado alento

Que ao longe te sorriu, mas que sedento
Jámais colheste em vida.

Sob a couraça que cingiste ao peito
Do peito ancioso suffocaste a chamma,
E foste ao longe procurar a fama,
Talvez, quem sabe? procurar a morte.
Mas, qual onda que o naufrago arremessa
Sobre inhospita praia sem guarida,
A morte crua te arrojou á vida,
E ás injurias da sorte.

De praia em praia divagando incerto
Tuas desditas ensinaste ao mundo:
A terra, os homens, té o mar profundo
Conspirados achavas em teu damno.
Ave canora em solidão gemendo,
Tiveste o genio por algoz ferino:
Teu alento immortal era divino,
Perdeste em ser humano:

Indicos valles, solidões do Ganges,
E tu, ó gruta de Macau, sombria,
Vós lhe ouvistes as queixas, e a harmonia
D'esses hymnos que o tempo não consome.
Foi lá, n'essa rocha solitaria,
Que o vate desterrado e perseguido,
Á patria ingrata, que lhe dera o olvido,
Deu eterno renome.

«Cantemos!» disse, e triumphou da sorte.
«Cantemos!» disse, e recordando glorias,
Sobre o mesmo theatro das victorias,
Bardo guerreiro, levantou seus hymnos.
Os desastres da patria, a sua quéda
Temendo já no meditar profundo,
Quiz dar-lhe a voz do cysne moribundo
Em seus cantos divinos.

E que sentidos cantos! d'Ignez triste
Se ouve mais triste o derradeiro alento,
Ensinando o que póde o sentimento
Quando um seio que amou d'amores canta;
No brado heroico da guerreira tuba
O valor portuguez sôa tremendo,
E o fero Adamastor com gesto horrendo
Inda hoje o mundo espanta!

Mas ai! a patria não lhe ouvia o canto!
Da patria e do cantor findava a sorte:
Aos dous juraram perdição e morte,
E os dous juntaram na mansão funerea...
Ingratos! ao que alçando a voz do genio
Além dos astros nos erguera um solio,
Decretaram por louro e capitolio
O leito da miseria!

Ninguem o pranto lhe enxugou piedoso...
Valeu-lhe o seu escravo, o seu amigo:
«Dae esmola a Camões, dae-lhe um abrigo!»

Dizia o triste a mendigar confuso!
Homero, Ovidio, Tasso, estranhos cysnes,
Vós que sorvestes do infortunio a taça,
Vinde depôr as c'rôas da desgraça
Aos pés do cysne luso!

Mas não tardava o derradeiro instante...
O raio ardente que fulmina a rocha,
Tambem a flôr que n'ella desabrocha,
Cresta, passando, co'as ethereas lavas:
Que scena! em quanto ao longe a patria exangue
Aos alfanges mouriscos dava o peito,
De misero hospital n'um pobre leito,
Camões, tu expiravas!

Oh! quem me dera d'esse leito á beira
Sondar teu grande espirito n'essa hora,
Por saber, quando a mágoa nos devora,
Que dôr póde conter um peito humano;
Palpar teu seio, e n'esse estreito espaço
Sentir a immensidade do tormento,
Combatendo-te n'alma, como o vento
Nas ondas do oceano!

O amor da patria, a ingratidão dos homens,
Natercia, a gloria, as illusões passadas,
Entre as sombras da morte debuxadas,
Em teu pallido rosto já pendido;
E a patria, oh! e a patria que exaltáras
N'essas canções d'inspiração profunda,

Exhalando comtigo moribunda
Seu ultimo gemido!

Expirou! como o nauta destemido,
Vendo a procella que o navio alaga,
E ouvindo em roda no bramir da vaga
D'horrenda morte o funeral presagio,
Aos entes corre que adorou na vida,
Em seguro baixel os põe a nado,
E esquecido de si morre abraçado
Aos restos do naufragio:

Assim, da patria que baixava á tumba,
Em cantos immortaes salvando a gloria,
E entregando-a dos tempos á memoria,
Como em gigante pedestal segura:
«Patria querida, morreremos juntos!»
Murmurou em accento funerario,
E envolvido da patria no sudario
Baixou á sepultura.

Quebrando a louza do feral jazigo,
Portugal resurgiu, vingando a affronta,
E inda hoje ao mundo sua gloria aponta
Dos cantos de Camões no eterno brado;
Mas do vate immortal as frias cinzas
Esquecidas deixou na sepultura,
E o estrangeiro que passa em vão procura
Seu tumulo ignorado.

Nenhuma pedra ou inscripção ligeira
Recorda o gran cantor... porém calemos!
Silencio! do immortal não profanemos
Com tributos mortaes a alta memoria.
Camões, grande Camões, foste poeta!
Eu sei que tua sombra nos perdôa:
Que valem mausoléus ante a corôa
De tua eterna gloria?

O OUTOMNO

Eis já do livido outomno
Pesa o manto nas florestas;
Cessaram as brandas festas
Da natureza louçã.
Tudo aguarda o frio inverno;
Já não ha cantos suaves
Do montanhez, e das aves,
Saudando a luz da manhã.

Tudo é triste! os verdes montes
Vão perdendo os seus matizes,
As veigas os dons felizes,
Thesoiro dos seus casaes;
Dos crestados arvoredos
A folha sêcca e myrrhada,
Cahe ao sôpro da rajada,
Que annuncia os vendavaes.

Tudo é triste! e o seio triste
Comprime-se a este aspecto;
Não sei que pezar secreto
Nos enluta o coração.
É que nos lembra o passado
Cheio de viço e frescura,
E o presente sem verdura
Como a folhagem do chão.

Lembra-nos cada esperança
Pelo tempo emmurchecida,
Mil aureos sonhos da vida
Desfeitos, murchos tambem;
Lembram-nos crenças fagueiras
Da innocencia d'outra idade,
Mortas á luz da verdade,
Creadas por nossa mãe.

Lembram-nos doces thesoiros
Que tivemos, e não temos;
Os amigos que perdemos,
A alegria que passou;
Lembram-nos dias da infancia,
Lembram-nos ternos amores,
Lembram-nos todas as flôres
Que o tempo á vida arrancou.

E depois assoma o inverno,
Que lembra o gêlo da morte,
Das amarguras da sorte

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com